
CINCO POEMAS DE *NOITE NU NORTE*, DE FABIÁN SEVERO

FIVE POEMS FROM NOITE NU NORTE, BY FABIÁN SEVERO



Traduzido por:
Fernanda Cristina LOPES*
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Paraná, Brasil

Resumo: *Noite nu Norte* (2010) é o primeiro livro de Fabián Severo (1981), escritor uruguaio que, desde essa publicação, escreve em portunhol. Essa língua mutável, advinda da invenção-lembrança des(re)territorializa a fronteira entre Artigas e Quaraí, entre Norte e Sul. Ao mesmo tempo, a obra é coetânea de diversas manifestações literárias do portunhol. No que tange à tradução, algumas delas traduziram-se a outra língua por meio da recriação de seu hibridismo, cuja tessitura pode se dar a partir da mescla de elementos do português, do guarani, do castelhano, do inglês, do italiano etc. No caso de Severo, a destruição-invenção da língua tensiona o português e o castelhano e movimenta-se num entre-lugar que pode funcionar de forma diversa em cada leitura. Assim, propomos traduções de cinco poemas de *Noite nu Norte* a partir da premissa de desestabilizar fronteiras tradutórias entre portunhol e português.

Palavras-chave: Fabián Severo. Portunhol. Fronteira. Tradução. Nomadismo.

363

Abstract: *Noite nu Norte* (2010) is the first book written by Fabián Severo (1981), a Uruguayan author who, since his first publication, writes in Portuñol. This mutable language comes from the mixture of inventiveness and heritage, which de(re)territorializes the border of Artigas and Quaraí, between North and South. At the same time, the work is coetaneous of several literary manifestations of the Portuñol. In regard of the translation, some of them have been translated into another language by recreating their hybridism; its weave can be sewed by combining elements from Portuguese, Guarani, Spanish, English, Italian etc. In Severo's writing, the destructive-inventive relation of the language tensions the Portuguese and the Spanish and moves in an inter-place that can work differently depending on who is reading it. Therefore, we propose translations of five poems from *Noite nu Norte* based on the premise of destabilizing translation boundaries between Portuñol and Portuguese.

Keywords: Fabián Severo. Portuñol. Border. Translation. Nomadism.

RECEBIDO EM: 10 de janeiro 2020

ACEITO EM: 26 de fevereiro de 2020

PUBLICOU EM: março 2020

Fabián Severo (Artigas, 1981), radicado desde 2004 em Montevidéu, é professor de literatura, coordenador de oficinas de escrita e escritor. Publicou diversos textos em sua língua materna, o portunhol, e é autor dos livros de poemas *Noite nu Norte* (2010), *Viento de nadie* (2013) e *NósOtros* (2014) e do romance *Viralata* (2015), pelo qual recebeu o Prêmio Nacional de Literatura do Uruguai em 2017. Além disso, organizou antologias de novos escritores, sendo responsável pela publicação de alguns livros coletivos como *Fruto del desierto* (2008) e *Huellas de viento en la arena* (2009). Parte des de sua obra foram publicadas no Brasil, em Cuba, na Argentina, na Espanha e nos Estados Unidos.

Fernanda Lopes (Curitiba, 1993) é mestranda em estudos literários pela UFPR e tradutora. Recentemente, traduziu um dos contos que integra a obra “As diferentes moradas das palavras: contos de escritoras em tradução” (no prelo, pela Editora da UFPR).

Há 10 anos o livro de poemas *Noite nu Norte* foi lançado no turbilhão de obras inscritas no movimento amplo do portunhol, língua nômade que se reinventa em cada autor e em cada leitura. No portunhol de Fabián Severo, o espaço fronteiriço – geográfico, simbólico, memorialístico – entre Artigas e Quaraí é o lugar da criação de uma língua. Língua própria, língua materna, língua aprendida fora da escola e que pode ser lida “cantando um idioma/ que todos entende”, como se lê no poema *Sesenta* do livro. O resultado das misturas, sonoridades e sobreposições originadas no encontro do castelhano com o português é a desestabilização. Assim é desenvolvida uma grafia mutante que, dentro de um mesmo poema, pode trazer à tona distintos referentes para as mesmas coisas, colocando-as em movimento. Como pontua Frenkel, tratando de *Noite nu Norte* e *Mar paraguay* (1992), de Wilson Bueno, os multilinguísmos e hibridismos desses textos opõem-se à ideia de língua nacional e configuram espaços literários que abrem espaço à interpenetração e, assim, “[levam] a neutralizar a necessidade de tradução, entendida como conversão semântica e/ou estilística de uma língua a outra, ou como cruzamento de fronteiras” (2016, p. 2300).

A partir do reconhecimento da prescindibilidade da tradução nesses termos, o que propõem estas traduções é justamente um convite à interpenetração: colocar os poemas em movimento dentro da língua de *Noite nu Norte* por meio da busca por diferentes registros. Isto é, um exercício que desestabiliza x ou y como ponto de partida ou de chegada e encontra linhas de desterritorialização entre o portunhol e as fronteiras de si. Não há ponto de chegada e de partida, e sim pontos de vista. Por essa razão, a seleção dos poemas priorizou aqueles engendram a invenção de uma língua sem dono e, em alguns casos, seu contato incontornável com enquadramentos, barreiras que tentam delimitar um lado e o outro da fronteira.

Neste conjunto de poemas, *Des* dá início à transliteração da língua materna. É ela quem “saca la lengua” – seja no sentido de *mostrar* a língua ao dicionário ou no de *tirá-la* dele. Na tradução, *mostrar* acaba por reforçar a escritura transliteradora. Movimento que *dança* na estabilidade: “[a] língua se estabiliza em torno de uma paróquia, de um bispado, de uma capital”(DELEUZE, 1995, p. 16); em torno de uma escola, também? Dicionarizadamente inscritas, *túnica* e *moña*, peças do uniforme utilizado pelas crianças no Uruguai, foram recriadas por *calça* e *blusa*.

Já transformadas em pipa, as grafias mutantes de *Disesete* e *Trintisinco* levam a cabo a destruição-construção da língua. Nesses poemas, o grafema ‘y’, por exemplo, joga com fonemas como /f/, /z/, /g/ e /x/ e produz sonoridades vacilantes, produtoras de diferença por repetição. Na tradução, optamos, em muitos desses casos, pelo grafema ‘x’ com vistas a propor sonoridades nômades e vacilações e por explorar as relações letra-som de ‘s’ e ‘ss’, por exemplo. Em outros momentos, uma busca molecular pela oscilação, pelo avesso, norteou algumas escolhas. Um exemplo disso é o verso “Yo **impesé** sentirme mal” de *Trintinove*. Empecé, empesé, istá, incontrei. Na tradução, “Eu **comenssei** a me sentir mal”. Começar, comessar, comencé, empezar. Ou em *Sincuentioito*, em que a tradução do verso “pero él ni me **oia**” (de ouvir, se lemos *oía*; e de olhar, se lemos *oia*) ficou “pero ele nou ve”, propondo o par *ouve* e *vê*.

Esses breves comentários ajudam-nos a identificar rupturas em uma falsa contingência: no limite, toda (a) língua é uma invenção. As possibilidades de tradução dessa invenção, no entanto, é o que nos lembra de seu movimento, de sua potência poética. O efeito do portunhol, como propõe Perlongher, “é imediatamente poético. Há entre as duas línguas [o castelhano e o português] um vacilo, uma tensão, uma oscilação permanente: uma é o ‘erro’ da outra, seu devir possível, incerto e improvável.” (PERLONGHER, 1992, p. 9).

Des

Miña lingua le saca la lingua al disionario

baila uma cumbia insima dus mapa

i fas com a túnica i a moña

uma cometa

pra voar

livre i solta pelu seu.

(SEVERO, 2017, p. 19)

Disesete

Yo no voi pra onde van los ónibus

pos teño medo de no encontrar las cosa que me gustan.

En Artigas

por las mañá

veyo lamparitas asesas

nas puerta con cortina de nailon

i us cayorro deitado

viyilando

Números pintado con cal

nas parede sin revocar

patios de yuyo disparejo

as pileta arrecostada nus alambre pra tender ropa

yanelas con maseta rompida

casas pur a metade

i as porta sempre abiertas.

(SEVERO, 2017, p. 26)

Trintisinco

Mi madre tiña vinticuatro año

i istava yeia de hijo.

No tiña trabajo

nou había nada pra cumer

i los parente no quirían ayudarla.

Eya me contó que um día

desidió deyarnos nel albergue.

Dis que era um lugar muinto lonje.

Mentras iva nel ónibus

pensava si fasía lo correto.

Des

Miña lingua mostra a lingua pro

dissionario

dança una cumbia encima dus mapa

i fas com a calça e a blusa del uniforme

uma pipa

pra voar

livre i solta pelo seu.

Dizessete

Eu não vo praonde van los ônibus

porque tengo medo de não encontra as coisa que eu gosto.

En Artigas

de manhã cedo

vexo as luz acesa

nas puerta con cortina de nailon

i us caxorro deitado

Vixilando

Números pintado con cal

nas parede sein reboco

os quintal con us mato cressido

os tanque incostado nus arame pra

pendurá ropa

janelas com vaso quebrado

casas non termi nada

i as porta sempre abiertas.

Treintaissinco

Miña mãe tiña vinticuatro ano

i tava xeia de filho.

Não tiña trabaio

non tinha nada pra cumer

i los parente não ajudava ela.

Ela mi conto que um día

dessidiu dexar agente en el albergue

Disse que era um lugar mui longe.

Dentro del ónibus

pensava se fasia a coisa certa.

*Cuando yegó
la pesoa que la atendéu
dise que no podía nos tomar
porque la encargada no istava
i que mi madre tiña que voltá nu otro día.
Na volta, eya nos abrasava i yoraba,
arripintida.
Yo diso no me lembro
era mui piqueno.*

*Ela me dis que si ese día
istuviera la encargada
tudo tenía sido diferente.
(SEVERO, 2017, p. 60-61)*

Trintinove

Solo dos ves yo intré numa mansión.

*La primer ves
foi na casa du dotor Cardoso.
Miña main me había yevado consultá
en uma desas yo me sentí mal
i ele me dise para pasá nu baño,
cuando yo intré incontré dos uater
i pregunté en cuál tiña que haser.*

*Yo sempre tiña imayinado esas casa.
Mas despós que eu tava ahí
no intendía pra qué tiña tanta piesa.
Havía mucho cuarto
muinto baño
mucho tudo.
Yo impesé sentirme mal
no sé
con vergoña
porque um no istá acostumbrado con tanto luyo.*

*La segunda ves
foi na casa del Hugo
ques soldado.
Yo iva fasé mandado
i cuando yeguéi*

*Cuando xegou
la persona que atendeu ela
dise que não podía ficar com agente
porque a responsavel não istava
i que miña mãe tiña que voltá nu otro día.
Na volta, ela abressava a gente e xorava,
arripindida.
Eu non lembro disu
era muinto chico.*

*Ela dis pra mim que si nesse día
la responsavel istivesse lá
tudo tiña sido diferente.*

Trintainovi

Só duas veces entrei numa mansão.

*La primera vez
foi na casa du dotor Cardoso.
Miña main me tiña xevado pra consulta
du nada eu me sentí mal
y ele me disse pra i nu banheiro,
cuando eu intrei vi dois vaso
i perguntei en cuál tiña que faser.*

*Eu siempre imaxinei esas casa.
Mas despois qui eu tava alí
no intendia pra que que tiña tanta porta.
Tiña mucho quarto
muinto banheiro
muito tudo.
Eu comensei a me sentir mal
sei lá
com vergoña
porque agente non istá acostumbrado con
tanto luxo.*

*La segunda ves
Foi na casa du Hugo
que és soldado.
Eu ia faze um serviço
i cuando xeguei*

*la mujer del me dise que isperara na puerta
porque tenía lavado los piso
y yo podía insusía.
Eyos tiñan tele
tres en un uno
videocasechi,
en la parede había um cuadro bein bunito
con dos cavayo
correndo por umas montaña.*

*Mi casa
la caja de fósforo
no tiña nada diso
el baño ficava afuera
la porta era de lata
el piso de terra
había un espeio laranya colgado num prego

no había agua ni yuvero
nos se bañava num latón con agua quente.*

368

*Mi madre disía que nos noum se queyara
purque cuando era piquena
eya ía se bañar nel río con todos los hermano.*

*Dis que fasían uma fila
i ivan intrando nel río,
la abuela ía esfregando de a uno.
Mi madre no le gustava
i el frío no se queyava.
(SEVERO, 2017, p. 70-72)*

Sincuentioito

*Cuando uno es pobre
i eu so pobre
no puede isquesé de aonde viene.*

*Asvés yo voi na carnisería
veo el Luisito trabaiando
él me atiende
i yo quero le decir
tú te lembra Luisito
cuando nos iva nel río*

*la mujer dele dise pra ispera na porta
purque ela tiña passado pano
i eu podía suja o piso.
Eles tiñan tv
tres en um
vidiocaseti,
na parede tiña um quadro bein bunito
com dois cavalo
correndo por las montaña.*

*Miña casa
a caixa de fósforo
não tiña nada diso
el bañero ficava lá fora
la puerta era di lata
u chão batido
un espelio laranxa que ficava pindurado
num prego
non tiña agua nem xuvero
agente se lavava num latao con agua
quente.
Miña mãe disía pragent non reclama
purque quando ela era piquena
ela ia tomá baño nel río con todos os
irmão.
Conta que fasían uma fila
i entravam nel río
la abuela ia isfregando um por um.
Miña mãe não gostava
i el frío não reclamava.*

Sincuentaioito

*Quando se é pobre
i eu so pobre
não pode sisquese daonde vem.*

*Asvez eu vou nel assogue
vejo o Luisito trabajando
ele me atende
i eu quero diser pra ele
tú te lembra Luisito
cuando nois ia nel río*

*casá vieja del agua
i había unas
que no largavan las pedra
o cuando nos robava guayavo
da casa da veia Nilda
i íbamos na tua casa
pra cumé guayavo con asúcar
pero él ni me oia.
Después que me da las cosa
dis muchas gracias, el próximo...
i eu noun sei si ele no se lembra
o no se quiere lebrá.*

*O la Silvana
que se foi pra Montivideu
istudiá pra maestra
un día yo crusé con eya nel sentro
ela me miró
i yo levanté la maun pra saludá*

*i eya deu volta la cara
i se foi.*

*El que sí se lembra de tudo
es el Manuel
asvés lo veyo sentado por aí
tomando mate
nos botamo a falá daqueles año
i nos matemo de risa.*

*Qué amigo el Manuel
ese sí no teve sorte
anda camiñando por las cayé
sin trabajo i sein familia.*

*El Manuel se lembra da su sorte.
(SEVERO, 2017, p. 109-111)*

*cassá cascudo
i tiña uns
que non largava as pedra
ou cuando agente robava goyaba
da casa da véia Nilda
i ia na tua casa
pra cume goyaba com assúcar
mas ele nou ve.
Despois que me intrega las coisa
dis muinto obrigado, quién ta na vez...
i eu non sei si ele não lembra
ou si não quer lembra.*

*Ou a Silvana
que foi pra Montivideu
istudá pra ser professora
um día incontrei con ela nel centro
ela me viu
i eu levantei la maun pra cumprimenta
ela
e ela viro a cara
i foi imbora.*

*Mas quein se lembra de tudo
és el Manuel
asvez vejo ele sentado por ahí
tomando mate
a gente cumessa a falá daqueles ano
i nos matemo de rir.*

*Que amigo és o Manuel
ele sim não teve suerte
anda pra cima e pra baixo
sin trabalho i sein familia.*

O Manuel lembra da sua suerte.

REFERÊNCIAS

BEHARES, Luis E. Transliteraciones fronterizas (Posfácio). In: SEVERO, Fabián. **Noite nu Norte/Noche em el Norte**: Poesía de la frontera. Montevideu: Rumbo Editorial, 2011.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. p. 16. Tradução de: *Mille plateaux*.

FRENKEL-BARRETTO, E. Linguagens híbridas para inoperar fronteiras [Uma leitura de Noite Nu Norte e Mar paraguayo]. In: XV Encontro Abralic, 2016, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos do XV encontro ABRALIC. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016. p. 2298-2305.

PERLONGHER, Néstor. Sopa paraguaya. In: BUENO, Wilson. **Mar paraguayo**. São Paulo: Iluminuras, 1992. p. 9.

SEVERO, Fabián. **Noite un Norte**. Versión anoitesida. Montevideú: Kapparazón, 2017.

* Fernanda Cristina LOPES – Licenciada em Português e Espanhol (2017) pela Universidade Federal do Paraná. Mestranda em Letras na mesma instituição. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras. Curitiba, Paraná, Paraná.
Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/9220692316364096>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4767-5374>
E-mail: ferncopes@gmail.com